

OPINIÃO

EDITORIAL

Das permutas e dos balcões de negócios públicos

Volta à pauta uma nova proposta de permuta envolvendo a Prefeitura — e, mais uma vez, cercada de polêmica. Agora, trata-se de uma família que acumula uma dívida superior a R\$ 8 milhões com o município e que ofereceu, como forma de quitação, um terreno cuja avaliação — apresentada pelos próprios interessados e endossada pela administração — ultrapassaria R\$ 9 milhões. O ponto sensível é que o imóvel está localizado em área de preservação permanente, colado ao Morro do São Bento, nos Campos Elíseos, uma região ambientalmente frágil e com regras muito específicas de uso.

A proposta já desperta desconfianças não apenas pelo valor sugerido, mas pelo histórico recente do município em operações semelhantes. Ainda está fresca na memória a controvérsia envolvendo a permuta de área pública na zona Sul com o Colégio Marista, quando imobiliárias e especialistas contestaram a avaliação da área pública apresentada, apontando possível subfaturamento e favorecimento indevido. A falta de clareza naquele processo abriu um flanco de descrédito que, agora, volta a se escancarar.

Inicialmente, a prefeitura teria um “lucro” milionário com a troca, mas, na prática, a difenrença de valores poderia significar um prejuízo de mais de R\$ 60 milhões aos cofres públicos.

É justamente por esse acúmulo de desconfianças que o caso atual exige redobrada atenção. Uma área ambientalmente sensível, cujo uso é restrito, pode realmente ser avaliada em mais de R\$ 9 milhões? Há estudos independentes que confirmem esse valor? A permuta atende ao interesse público ou apenas resolve a vida de particulares? São perguntas que precisam de respostas transparentes — não apenas para técnicos ou servidores, mas para toda a sociedade.

Negociações que envolvem grandes áreas, patrimônio público e cifras milionárias não podem ser conduzidas sob névoa. Câmara Municipal, imprensa e Ministério Público têm a responsabilidade de acompanhar cada passo, garantindo que o interesse coletivo prevaleça sobre pressões e arranjos privados.

A administração municipal não pode se transformar em um balcão de negócios imobiliários — e é justamente essa impressão que, ao que tudo indica, começa a se consolidar. Transparência não é detalhe: é condição mínima para que a cidade confie em quem governa.



OPINIÃO DO LEITOR

Que história inspidora o Jornal Ribeirão nos trouxe com a em-preendedor Danielle! Que o exemplo seja seguido por muitos! Parabéns a ela.

JUAREZ ÁLIVA, JARDIM PIRATINGA.

NOVAS IDEIAS

A morte do espanto: crônica de uma Pátria prostituída

LUIZ RUFINO*



Ah, o espanto! Aristóteles, o Velho Sábio de Estagira, sentenciava lá das brumas da antiguidade que o espanto é o assombro diante do desconhecido, o estalo do mistério que nos lança na busca febril do saber, criando o homem, o filósofo, o inquiridor, o insatisfeito. Mas, caros leitores, que pavor nos toma quando, mergulhados no pântano mo-vedição de nosso Brasil, percebemos que esse espanto se extinguiu! Morreu! Foi assassinado, vilipendiado, estuprado em praça pública, e nós, os herdeiros dessa tragédia anunciada, assistimos a tudo com a apatia dos mortos em vida.

O noticiário das últimas semanas, esse espelho sujo de nossa alma nacional, revela um festival de obscenidades que, por mais absurdas, já não nos arranca sequer um bocejo. A Assembleia Legislativa do Rio, essa casa de tolerância e barganha, mandou soltar um parlamentar preso pela Polícia Federal, acusado de atuar contra a investigação do crime organizado. Ninguém pisca. Ninguém grita.

Um ministro do Supremo Tribunal Federal, arcanjo de toga, viaja para a final da Libertadores ao lado do advogado do réu — sim, do réu! — e depois, com a petulância dos deuses menores, avoca o processo para si e decreta o sigilo absoluto. Que mistério diabólico esconde esse pergaminho lacrado? E o Brasil? Apenas boceja.

Nem mesmo o escândalo asqueroso de um tal Vorcaro, despejando quatro milhões em uma sugar baby com laços no tráfico internacional de drogas, consegue arrancar um suspiro de ultraje. E o careca - do INSS -, despejando cinco milhões na campanha do PT, como quem joga migalhas aos pombos? E o filho do Presidente, ungido por uma mesada de trezentos mil, pago pelo mesmo careca? Onde está o choque? A náusea? Sumiram! Mais assombroso: outro ministro, com sua caneta fatal, tira do cidadão comum o direito de pedir o impeachment dos intocáveis de toga. Uma afronta à soberania do povo, uma castração da indignação! E nós? Calados. Mansos. Caducamos.

A centro-direita, por sua vez, é refém e espelho do clã Bolsonaro, e num desatino de Flávio, o filho ungido, declara seu “preço” para desistir. O que é isso senão a mais vil das prostituições políticas, o leilão da decência em praça pública? E o que fazemos? Votamos. Esperamos.

A antiga “Casa dos Espantos”, o Congresso, hoje é um hospício generalizado, uma matriz de tudo o que nos corrompe. Lá, o Congresso, cúmplice e corresponsável pela mesma política fiscal que agora crítica, aponta o dedo para o Presidente Lula como culpado. Lula, por sua vez, que já em outros tempos declarava não haver corrupção na Petrobrás, repete a mesma fala. Ele já não nos espanta, é verdade.

Mas o que causa um arrepio, um tremor (se é que ainda nos resta tal capacidade) é fazer as contas e descobrir que o Governo torrou cento e setenta bilhões de reais além do arcabouço fiscal. Cento e setenta BILHÕES! Um rombo, uma hemorragia nas veias do país. E, no entanto, a pátria, essa velha senhora prostituída, permanece inerte, apática, sem uma lágrima, sem um grito. Este é o Brasil, meus caros, um país que cambaleia de crise em crise — política, institucional, ética, moral — sem nada resolver, adiando o inevitável para depois das próximas eleições.

Uma realidade: crescemos menos do que precisamos, gastamos mais do que podemos e envelhecemos sem a menor sombra de riqueza na arena internacional. E o que é mais trágico, mais vil, mais abjeto: nada disso nos espanta mais. Quem são os coveiros de nossa alma? Faoro, em “Os Donos do Poder”, já desnudava as entranhas pútridas do patronato político brasileiro.

Para ele, a casta política não é um acidente, mas a própria essência de nosso mal: um grupo hermético que usurpa o Estado, transformando-o em butim pessoal e fonte de privilégios. Os “donos do poder” não são a burguesia, mas essa mesma casta política que manobra o Estado, controlando suas instituições como marionetes para perpetuar sua nefasta influência. A verdade, nua e crua: nosso país, órfão do espanto, jaz prisioneiro de uma casta que há séculos o domina. O silêncio, mais ensurdecedor, sela o destino trágico de uma pátria que escolheu a podridão como eterno espetáculo, até que a própria morte, talvez, arranque um derradeiro espanto.

*Professor e cientista político

Jornal Digital

Leia o QRCode e acesse a versão online do Jornal Ribeirão



Pontos de Distribuição

Veja onde você encontra a versão impressa do Jornal Ribeirão:

- Banca Tibiriça - R. Tibiriçá, 600
- Banca do Denis - R. Otavio Golfeto, 326
- Banca Saudade - Av. Saudade S/N
- Banca Paulista - Av. Independência, 1680
- Banca 2000 - Praça Coração De Maria S/N
- Banca Balieiro - R. Gen. Osório, 549 - Calçadão
- Banca Oracilda - Praça Jose Mortari S/N
- Banca Solange - Av. Pres. Vargas, 25 - Esq. Av R. Nove De Julho
- Banca Camões - Praça Camões S/N

- Banca Oásis - R. Duque de Caxias, 800
- Banca Pinguim - R. Gen. Osório em frente a Choperia Pinguim - Calçadão
- Banca do Valdir - Av. Nove De Julho, 378 - Esq. R. Visconde de Inhaúma
- Banca 13 de Maio - Av. 13 De Maio, 575
- Banca Irajá - R. Dr. Isaac Teodoro de Lima, 588
- Banca Sete de Setembro - Praça
- Banca do Emerson - R. Campos Salles, 431
- Banca Oficce Center - Av Portugal, 1760
- Banca do Amaral - R. Amador Bueno, 395
- Banca da Lucia - Av Dom Pedro S/N

- Banca do Rogério - R. Maria Tereza Braga Cenri, 425
- Banca do Peruano - R. Florêncio De Abreu S/N (Calçada Cathedral)
- Banca da Japa - Av. Jerônimo Gonçalves, 493 (Próx Rodoviária)

JORNAL RIBEIRÃO

SKY COMUNICAÇÃO E EVENTOS LTDA
cnpj 12.884.377/0001-30

www.JORNALRIBEIRAO.COM.BR

REDAÇÃO:

Av. Eduardo Gomes de Souza, 766 - S/4
City Ribeirão - Ribeirão Preto/SP
CEP 14021-540

Editor-chefe: **Eduardo Schiavoni**
Editor adjunto: **Beatriz Camargo**
Editor de arte: **Daniel Torrieri**

Contato:
redacao@jornalribeirao.com.br

ATENDIMENTO AO LEITOR:
(16) 99173-3980

Acesse pelo QRCode >



Departamento Comercial:
comercial@jornalribeirao.com.br

Material noticioso e fotográfico fornecido pelas agências de notícias Estado, Brasil, France-Press, Reuters, pela equipe de correspondentes e pelos colaboradores.

O Jornal Ribeirão não se responsabiliza por conceitos ou opiniões emitidos em colunas ou artigos assinados.